

LUZ & CENA

Editora Música & Tecnologia

ISSN 14152630



R\$ 8,00

ANO XV - abril 2012 - Nº 153
www.luzecena.com.br

SHOW DE LUZES

Tudo sobre a gravação do DVD
da banda de forró Garota Safada

GUSTAVO CARVALHO

Estilista fala da relação de suas
criações com a arquitetura

LUZ NATURAL

Fotografia de clipe de
Patrícia Mellodi dispensa
recursos artificiais

FINAL CUT

Aprenda a trabalhar
com a ferramenta
Color Correction



LUZ & CENA

abril 2012

foto capa: Fábio Nunes



24

capa

Garota Iluminada

Luz é destaque na gravação de DVD de banda de forró
por Fernando Barros



26

figurino

Gustavo Carvalho revela influência de arquitetura, cinema, geometria e música em suas peças

por Rodrigo Sabatinelli



32

videoclipe

Luz natural garante fotografia em clipe de Patrícia Mellodi

por Rodrigo Sabatinelli



56

galeria

Justiça seja feita

por Luiz Lima

EDITORIAL	4
PRODUTOS	6
DESTAQUE	10
EM FOCO	12
DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA PARA VÍDEO	40
OPERAÇÃO DE VÍDEO	42
EDIÇÃO DE VÍDEOS COM FINAL CUT PRO	48
ILUMINANDO	52



EDITOR
MARCIO TEIXEIRA
(marcio@luzecena.com.br)

GERÊNCIA FINANCEIRA
LUCINDA DINIZ

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
FARLEY DERZE, GLAUCO PAGANOTTI,
LÉO MIRANDA E RICARDO HONÓRIO

REDAÇÃO
FERNANDO BARROS
RODRIGO SABATINELLI E
BRUNO BAUZER
(redacao@luzecena.com.br)

DIREÇÃO DE ARTE / DIAGRAMAÇÃO
CLIENT BY - clientby.com.br
FREDERICO ADÃO
MARCIO HENRIQUE

PUBLICIDADE
MÔNICA MORAES
(monica@musitec.com.br)

ASSINATURAS
KARLA SILVA
(assinatura@luzecena.com.br)

DISTRIBUIÇÃO
ERIC BATISTA

GRAFICA EDITORA STAMPPA LTDA.

LUZ & CENA É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA
EDITORA MÚSICA & TECNOLOGIA LTDA, CGC
86936029/0001-50, INSC. MUN. 01644696 E
INSC. EST. 84907529

ASSINATURAS
EST. JACAREPAGUÁ, 7655 SL. 704/705
JACAREPAGUÁ – RIO DE JANEIRO – RJ
CEP: 22753-900
TEL/FAX: (21) 3079-1820
(21) 3579-1821
(21) 3174-2528
E-MAIL: ASSINATURA@LUZECENA.COM.BR
WEB SITE: WWW.LUZECENA.COM.BR

NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL
DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NESTA REVISTA.

LUZ & CENA NÃO SE RESPONSABILIZA PELO CON-
TEÚDO DOS ANÚNCIOS VEICULADOS.

Luz, pediu o repórter!

Quem tem o costume de ler nossa revista deve me conhecer. Ao menos pelo nome. Sou Rodrigo Sabatinelli, jornalista, publicitário e, há dez anos, faço parte desta editora. Entrei aqui ainda na faculdade e, na época, sequer imaginei que pudesse construir uma história tão bacana dentro de um mesmo veículo.

Ao longo de todos esses anos, trabalhei com diversos editores. Perdi a conta de quantos. Mas, certamente, com eles, aprendi muito do que sei. Cintia Laport, Ligia Diniz, Elisa Menezes, Tatiana de Queiroz e Sandro Carneiro foram, sem dúvida, o “mix perfeito” de chefia e amizade que poderia encontrar num ambiente de trabalho o qual me identifico por completo.

No comercial, Moniquinha, Karlinha, Eric e muitos outros amigos. Na diretoria, Lucinda Diniz e o eterno Sólton do Valle, dois responsáveis diretos pela minha chegada e permanência. Por eles dois, tenho uma “dívida” maravilhosa, a qual tento honrar nesta edição, como substituto do amigo/irmão Marcio Teixeira de Mello, que, no mês passado, saiu, merecidamente, para umas férias num desses badalados arquipélagos do nosso país.

Esta foi a primeira vez em que assumi tamanha responsabilidade – responder pela revista – e espero, de coração, ter correspondido. Como editor, apostei na bagagem de nosso companheiro Fernando Barros, autor da matéria de capa, a gravação do DVD do grupo Garota Safada, que contou com um aparato tecnológico “sem tamanho”, incluindo centenas de moving lights e, claro, muitos LEDs.

No papel de jornalista, acompanhei a gravação do novo clipe da cantora Patrícia Melodi – dirigido por Alexia Maltner e fotografado por Daniel Leite, que não utilizou uma sequer fonte artificial de luz, trabalhando somente com luzes naturais – e fui atrás do estilista carioca Gustavo Carvalho, jovem talento que vem mostrando seu valor em criações que têm relação direta com a arquitetura, a geometria, a música e o cinema.

Coube a mim, ainda, dialogar com nossos queridos colaboradores, os quais, todo mês, nos alimentam com tutoriais que visam atender de aspirantes a profissionais. Me perdoem, por favor, se, em alguma destas linhas, houver algum deslize meu. A responsabilidade é grande, maior do que imaginava, e a experiência só me fez dar ainda mais valor a tudo o que vivi e vivo aqui e, acima de tudo, às pessoas com as quais divido mesas, cadeiras, alegrias, tristezas e, sobretudo, informação.

Boa leitura a todos, foi um prazer, até o ano que vem, nas próximas férias do Marcio!

Rodrigo Sabatinelli



A LUZ NO CENTRO DA EXPERIÊNCIA HUMANA

Biodisponibilidade

Os cinco primeiros artigos que escrevi nessa coluna foram inspirados nos cinco sentidos biológicos do ser humano: o cheiro da luz, a cor da luz, o toque da luz, o som da luz e o sabor da luz. É através das sensações que o ser vivo estabelece contato com o meio ambiente onde se encontra, quando seu corpo reage a odores, cores, temperaturas, sons e sabores. É assim com brasileiros, chineses, africanos e europeus. Foi assim com Arquimedes, Madalena, Copérnico ou cada um de nossos ancestrais pré-históricos “sem nome”. É assim com cada um de nós, portadores de sensações biológicas.

Se você está lendo estas palavras agora é porque existe luz iluminando o texto que está diante de você. É a luz refletida que viaja em direção ao interior de seus olhos. No interior dos olhos, a luz prossegue sua viagem oriunda do mundo exterior para sensibilizar células que

transmitirão ao cérebro uma informação do tipo “determinado objeto se encontra lá fora”. O texto que está diante de você não poderia ser visto se você estivesse trancado em um lugar sem janelas, sem portas, sem luz, isto é, na mais completa escuridão. Então, o invisível existe: é a escuridão. O visível existe: é a iluminação. Trevas e luz são sensações visuais que correspondem às condições biológicas do órgão da visão. Vamos chamar isso de biodisponibilidade do indivíduo.

O homem pode ter criado as palavras *trevas* e *luz* para comunicar a ideia de ausência ou presença de visibilidade dos objetos, isto é, das coisas materiais do mundo. Visibilidade seria uma consequência do reflexo da luz que, depois de incidir em determinado objeto (o espaço, uma superfície), direcionou-se para o interior dos olhos biologicamente adaptados para receber este estímulo.

Os olhos possuem células em sua composição. Algumas dessas células que capturam a luz também são

objetos. São estruturas vivas, células microscópicas, projetadas para responder biologicamente ao estímulo luminoso. Tais respostas biológicas envolvem um exército de outras microestruturas químicas, que viajam em fluxo, feito um pacote veloz, para levar mensagens ao cérebro de que certa quantidade de luz entrou nos olhos, de forma a traduzir o mundo exterior pela quantidade de objetos refletidos para o interior dos olhos na carona da luz. Tal sensação biológica tem seu auge mecânico e bioquímico na retina quando se dá o contato entre luz e estruturas biológicas.

A retina é uma espécie de cortina localizada no fundo do globo ocular. Uma espécie de *ciclorama* no qual se depositam os eventos sensoriais que se desdobram no espaço cênico – o interior do olho. A imagem impressa na retina será decodificada quimicamente por uma rede de tentáculos dos neurônios situada atrás do nosso *ciclorama*, cujas ramificações se comunicam em rede com outras do cérebro, que receberá a “imagem química” correspondente à “imagem externa” que a luz levou para o interior dos olhos.

Sociodisponibilidade

Em diferentes lugares do planeta, um mesmo fenômeno biológico recebe diferentes nomes, conforme a cultura onde o dono do olho nasceu e se desenvolveu. Por exemplo, a sensação visual (biológica) que entra nos olhos de um brasileiro que olha para o céu noturno estrelado, vai receber o nome dado pela cultura brasileira de “céu azul”. A mesma sensação visual (biológica) para o inglês será chamada pelos ingleses de “*blue sky*”, ou “*ciel bleu*” para os franceses. Agora, imaginemos quais seriam os nomes atribuídos para “céu azul” em cada tribo africana ou tribos indígenas das Américas antes das invasões européias, ou que nome seria no vocabulário de grunhidos e gestos de nossos ancestrais das cavernas.

Quando uma criança nasce e cresce, aqui ou acolá, também vê “a cor azul”, “the blue color”, “la couleur bleue”. Conclusão: os nomes são artificiais, são invenções culturais daqui e dali para comunicar ou classificar fenômenos naturais (biológicos). Os eventos biológicos, tais quais ocorrem com a luz e a visão de cada ser humano, independem da cultura e seu berçário de conceitos. Contudo, cada cultura vai dar nomes não apenas a situações visíveis (sensoriais), mas, também, a situações invisíveis (ideológicas): “os valores”, “os conceitos”, “as crenças” transmitidas como heranças dentro de um grupo específico. E,

ao longo do tempo, serão vários grupos específicos a consolidar, pelo método da repetição, de geração em geração, “a coisa invisível” – as ideias produzidas e defendidas pelo grupo.

Resultado: surge a tradição cultural, isto é, a repetição metódica, e até institucionalizada, das ideias, das crenças, dos conceitos, dos valores que cada cultura criou, adotou e defendeu por meio de sua linguagem particular, dos símbolos criados para lhe representar. Se a luz que adentra o olho humano atravessa a retina com mensagens químicas do mundo exterior que chegam ao cérebro, a linguagem de cada cultura encontra na mente humana o ambiente ideal para instalar seu berçário de conceitos. Carl Jung dizia: “nascemos originais e morremos cópia”. Ou seja, ainda que entre os seres humanos haja uma coincidência biológica (sensorial), a cultura onde cada um nasce faz valer a máxima “diga-me com quem andas e te direi quem és”.

Resultado: somos vítimas culturais. Isso não é uma queixa, apenas uma constatação. Afinal, o que explicaria a quantidade de instituições nas cidades (medievais ou atuais), cada qual em seu esforço para representar a seu modo o conjunto de conceitos? Acho que podemos chamar isso de *fato sociológico*: a produção, a circulação e a função dos conceitos em determinado grupo. Assim, o que você ou eu, ou um menino na Sumatra pensamos sobre “luz” (“light”) pode depender da *sociodisponibilidade*, isto é, da disponibilização de ideias que se faz circular no grupo do qual se está inserido, vitimados de ideias, conceitos, palavras que classificam a experiência desde a infância, ou na vida profissional.

Uma luz que rasga o céu noturno poderá significar, para alguém de uma época, “a ira de deus”, mas outra pessoa, em outro lugar, ou em outra época, poderá dizer que “é uma descarga elétrica com temperatura de 27.000 graus centígrados”. Você pode ter aprendido em sua cultura que “um raio é um tipo de luz” e que “a luz tem uma velocidade”. Naturalmente, a mesma cultura precisa fornecer a você o conceito de velocidade. Quando o dia amanhece, depois da tempestade noturna, você percebe, ao abrir a janela, um efeito colorido no céu, que, na cultura brasileira, se chama “arco-íris” (“*rainbow*” em inglês; “*arc en ciel*”, em francês), mas em qualquer cultura são cores que penetram nos olhos biológicos devido à sua *biodisponibilidade*.

Tendo em vista que já aprendemos os nomes das cores de um arco-íris e já ouvimos falar da velocidade da luz, sua mente curiosa quer saber: “como e por que se

forma um arco-íris?"; "por que são várias cores e não apenas duas ou três"? Thierry de Freiberg, que morreu em 1311, também teve a mesma curiosidade que você e resolveu buscar explicações sobre o arco-íris. Passo a palavra ao francês Bernard Maitte, na página 32 de seu livro, *Lumière*, editado em 1981, na França, a nos contar o que Freiberg descobriu.

As cores de um arco-íris são resultantes da mudança da velocidade da luz. A luz tem uma velocidade no ar e outra na água. A atmosfera possui incontáveis gotas de água suspensas no ar após uma chuva. A luz que viaja no ar penetra no interior da gota e do interior da gota retorna ao ar. Ao atravessar de um meio ao outro a luz tem sua velocidade alterada. Você e eu sabemos a diferença entre correr ao ar livre e correr dentro do mar. Thierry de Freiberg chamou de "refração" essa mudança na velocidade da luz quando trafega por diferentes meios. Medir a velocidade da luz deve ter requerido a composição combinada de conceitos, produzidos ou herdados ou disponibilizados no âmbito da cultura. Aliás, qual o conceito de velocidade?

Que elementos materiais, ou palavras, são necessários para se construir o conceito (ou ideia) de velocidade?

A ideia de velocidade envolve o tempo que passa? Será que envolve o espaço percorrido? No momento em que se decidiu que o tempo de um dia duraria 24h, parece ter sido possível se criar um método que permitisse medir o tempo de determinado evento. Mas quem decidiu o tamanho do tempo, como e por quê? Enquanto pensamos sobre quem decidiu sobre tantas coisas que, por herança cultural, adotamos quando nos comunicamos com nossos pares culturais, ou quando elogiamos ou estranhamos o que foi adotado em culturas diferentes, passo a palavra outra vez ao Bernard Maitte, que, na página 29 do mesmo livro, nos informa que, para Aristóteles, a observação da vida era a chave da compreensão do mundo.

A luz no centro da experiência humana

Em nossa conversa, que teve início quando mencio-

nei que esse texto em suas mãos se encontra visível por causa da luz, propus a ideia de "biodisponibilidade" como forma de compreensão do mundo através dos sentidos biológicos (de humanos e animais). Foi pensando nos cinco sentidos que elaborei os cinco artigos publicados aqui nas edições anteriores. A partir desse ponto, venho propor a ideia de "sociodisponibilidade" como forma de compreensão do mundo pelo método da herança cultural, no qual as diferenças de valores e a produção de conceitos e significados vão diferenciar e caracterizar uma cultura em relação à outra.

É curioso que, em qualquer tempo e lugar, as cinco sensações permaneçam, já que nossos corpos as têm por milhões de anos a experimentar essa "arca de Noé" que é nosso planeta, que flutua no espaço sideral e abriga nossos corpos biogênicos, biosemelhantes, biocorrespondentes, bioequiparáveis. Mas, se cada corpo é capaz de reconhecer a diferença entre quente e gelado, doce e salgado, escuro e iluminado, a maneira de se interpretar e codificar cada experiência vai resultar na produção de significados e valores que serão transmitidos pelos códigos das linguagens que diferenciam um povo de outro, uma geração de outra, um grupo profissional de outro. E, dentro de cada grupo profissional, haverá diferenças que vão particularizar e representar o estilo de cada um, o método de cada um, a história de cada um, o sonho de cada um.

É sobre essa riqueza que se origina na variedade das inúmeras sociodisponibilidades que eu gostaria de tratar nos próximos artigos. Gostaria de falar sobre a luz no centro da experiência humana. Já escolhi seu nome. Será "o significado da luz". Se você quer compartilhar a sua, se quer dizer o que pensa sobre o significado da luz em sua mente, em sua cultura, em sua trajetória, isso faz parte da memória, faz parte da vida profissional, faz parte da luz e cena. Meu e-mail é: diretoria@jamilietormann.com

Abraços e até lá.



Farley Derze é professor do Instituto de Pós-Graduação, diretor de Gestão e Pesquisa da empresa Jamile Tormann Iluminação Cênica e Arquitetural e membro do Núcleo de Estética e Semiótica da UnB. Doutorando em Arquitetura. E-mail: diretoria@jamilietormann.com